

## **ENSINO DE FILOSOFIA E INTERDISCIPLINARIDADE: caminhos para pensar o problema da formação de professores em nosso tempo**

Andréia Ferreira dos SANTOS; Camilla Machado de SOUZA; Carmelita Brito de Freitas FELÍCIO

[afsnostalgia@gmail.com](mailto:afsnostalgia@gmail.com); [rose.camilla@hotmail.com](mailto:rose.camilla@hotmail.com); [carmelaf@terra.com.br](mailto:carmelaf@terra.com.br)

**Palavras-chave:** filosofia; ensino; formação de professores; interdisciplinaridade.

### **Justificativa / Base Teórica**

Ao longo da história da modernidade a educação se voltou para um ensino mais técnico-profissionalizante e, no Brasil, observou-se esse tipo de educação [de caráter tecnicista] sobretudo a partir da reforma do Ensino Médio em 1971, com a lei n. 5.692/1971. Consequentemente, a filosofia passou a ser considerada uma disciplina de menor importância se comparada às outras, ou seja, passou a ser uma disciplina optativa, o que inevitavelmente levou à sua extinção. Após um longo debate e embate, acabou sendo novamente inserida como disciplina curricular, cujo projeto de lei foi sancionado pelo então presidente em exercício José de Alencar, em 2008.

Constata-se, no entanto, que em muitas escolas as aulas de filosofia são vistas como um tempo que pode ser tomado emprestado para outras disciplinas “mais importantes” e vista pelos outros profissionais da educação como uma disciplina pouco comprometida com conteúdos obrigatórios. Rocha observa que “se verifica, em muitas escolas, o fato que a aula de filosofia é vista pelos professores das demais disciplinas como um tempo que pode ser tomado emprestado no horário escolar” (*apud* Candido e Carbonara, 2004, p. 18). Constata-se, também, que com frequência as aulas de filosofia são facilmente entregues para professores não titulados na área. Isso pode até ocorrer por uma questão de demanda, mas parece que não é só essa a questão. Entende-se, portanto, que a disciplina de filosofia no ensino médio não é devidamente reconhecida e esta é uma questão problema a ser tratada.

Uma das hipóteses que orienta nossa investigação é esta: se o professor de filosofia tem uma boa formação, então ele está melhor preparado para enfrentar os desafios, a falta de condições, as dificuldades, enfim, os problemas atuais que cercam a presença e a permanência da disciplina de filosofia na escola básica. O que se quer defender é a “formação qualificada”. Dessa forma, chegamos a um ponto importante de nossa discussão neste trabalho. Será que a má formação do professor de filosofia ou a falta dela- pois muitos professores que trabalham com a disciplina nas escolas públicas, não têm formação filosófica-, contribui para reforçar o “preconceito” ou as resistências que

se tem contra a filosofia no currículo da educação básica? A instabilidade que cerca a presença da disciplina no currículo do ensino médio não estaria ligada, também, a uma falta de compromisso dos próprios professores?

Aparentemente, a disciplina não é muito levada a sério pelos alunos, nem pelas escolas, salvo algumas exceções. Podemos observar esse fato, na carga horária destinada à disciplina de filosofia e ao seu isolamento na grade curricular, sem vínculos com as demais. Por tudo isso, é preciso pensar na qualificação adequada dos professores, principalmente os de filosofia. A volta da disciplina no ensino médio, por si só, não tem lhe garantido a estabilidade necessária e nem tampouco tem sido assegurado que a filosofia seja reconhecida como componente fundamental do currículo escolar do nível médio.

Partimos, então, do pressuposto de que a boa formação do professor de filosofia é fundamental para garantir que a disciplina de filosofia seja considerada tão necessária quanto todas as outras, para a formação do aluno no ensino médio. Pensamos também, que atividades e projetos interdisciplinares, podem contribuir para combater as resistências em relação à disciplina de filosofia, como também, a interdisciplinaridade pode ser uma via de aprimoramento da qualificação do professor de filosofia e também de outros professores interessados no envolvimento em projetos que se proponham a intercambiar conhecimentos.

## **Objetivos**

Em nossas investigações pretendemos examinar mais detidamente quais são as condições de possibilidade do ensino de filosofia, se há resistência entre os professores, tanto de filosofia, quanto de outras disciplinas, para o exercício de práticas interdisciplinares; e, principalmente, tentaremos propor uma forma de o professor de Filosofia se movimentar para efetivar essa possibilidade de interdisciplinaridade e, com isso, o que pretendemos é enfatizar a importância do diálogo, como condição de possibilidade de romper as barreiras entre as disciplinas.

Interessa-nos, ainda, pensar o ensino da filosofia de maneira articulada com outras dimensões da cultura e com outras disciplinas, porque, para nós, a filosofia deve despertar o aluno de nível médio exatamente para o deslocamento no pensamento, isto é, para a experiência filosófica de construção do pensamento. E isto se daria, no currículo escolar, através da conexão dos saberes disciplinares, pois como nos lembra Adorno (1995, p. 53), “a filosofia só faz jus a si mesma quando é mais do que uma disciplina específica”.

## **Metodologia**

O presente trabalho vem se realizando a partir do cruzamento de dois planos: o teórico e o prático. O primeiro plano vem sendo traçado à luz da base teórica (revisão da bibliografia, leitura, reflexão, análise) que deu origem à elaboração do presente trabalho. Quanto às atividades práticas, estas vêm sendo desenvolvidas no Colégio Estadual Pré-Universitário, escola-campo de atuação dos bolsistas do subprojeto de filosofia que integra o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. No primeiro semestre de 2011, por meio de uma disciplina optativa – Filosofia Geral e da Educação – oferecida aos alunos do primeiro ano do ensino médio, que contou com a participação ativa dos bolsistas do PIBID. A partir dessa experiência foi possível dar dados os primeiros passos na perspectiva de transpor para o campo das práticas, a proposta de um ensino de filosofia afinado com o que se propõe neste trabalho, a saber: a criação de mediações interdisciplinares que possibilitem pensar o lugar da filosofia na educação escolar, potencializando, assim, a sua dimensão formativa.

## **Resultados / Discussão**

Tal como entendemos, faz-se necessário pensar em estratégias direcionadas à criação de uma proposta didática mais sistematizada para o ensino de filosofia. É nessa direção que estamos propondo a interdisciplinaridade e uma formação qualificada do futuro professor de filosofia. Para discutirmos a formação do professor de filosofia será preciso retornar ao lugar onde essa formação acontece: a universidade. Os cursos de graduação em filosofia estão preparando adequadamente os futuros professores? Essas considerações nos remetem para a pergunta acerca das razões que justificam, ainda, a preocupação com a formação cultural na universidade e, sobretudo, com a formação de professores.

Pelo que já foi exposto, essa formação universitária tem sido incompleta, não se observa professores que refletem sobre sua profissão, que pensam acerca do que fazem, ou acerca de si mesmos, muitos dão a entender que, “sentem seu futuro como professores como uma imposição a que se curvam, apenas por falta de alternativas”(Adorno, 1995, p.97). Verifica-se, assim, uma carência, que nos remete a pensar, com Adorno, o problema da formação cultural (*Bildung*). E para haver formação cultural se requer disposição aberta, capacidade de reflexão acerca da linguagem, que é o parâmetro para qualquer reflexão filosófica.

Como sabemos, em sentido geral, *Bildung* significa cultura ou formação cultural. O termo carrega em si uma forte conotação pedagógica e designa a formação como processo. Trata-se do processo do sujeito formar-se a si mesmo. Adorno nos auxilia, assim, a pensar em que sentido o conceito de formação cultural ainda pode servir de base para a formação docente. Ele observa que “a formação cultural deveria ser entendida como um processo que possui, como condições para ser levado adiante, a autonomia e a liberdade” (Cenci, Dalbosco e Fávero, 2008, p. 108;110).

Se considerarmos o problema da formação cultural, pela perspectiva de Adorno, relacionando-o à formação dos professores, podemos pensar pelo menos em uma condição de possibilidade que está na base de uma educação emancipadora, qual seja, a necessidade de educar para a capacidade de fazer experiências formativas. Ocorre que, para Adorno, os homens não estão mais aptos à experiência, então, esse é o problema a ser enfrentado e que se coloca como um desafio ao pensamento.

## **Conclusões**

Acreditamos ser imprescindível colocar em prática nossa proposta de um ensino de filosofia aberto ao diálogo com as outras áreas do conhecimento, visando à superação das limitações impostas pelo isolamento disciplinar. Em um ensino assim concebido, respeita-se a complexidade, a multiplicidade e a pluralidade intrínseca à realidade. Assim, o exercício da interdisciplinaridade não é tarefa para uma disciplina específica, mas envolve um trabalho de cooperação interdisciplinar e, certamente, as resistências para que um trabalho assim se realize, são imensas. Mas, se o espaço aberto pela possibilidade da cooperação interdisciplinar existe, tratar-se-ia, então, de ocupá-lo com a promoção de encontros e diálogos.

Por outro lado, e, diante de um novo contexto histórico, social e cultural, nos deparamos com a necessidade da atualização do conceito de formação cultural (*Bildung*). Com a crescente precarização da educação, por fatores já conhecidos, como a massificação, o imediatismo, o imperativo do mercado, o conteúdo da formação é moldado em conformidade com essas exigências e, em decorrência disso, o ato educativo transforma-se em um “conformismo uniformizador” que, por sua vez, termina por apagar a individualidade. Dessa forma, consideramos fundamental a importância de uma auto-reflexão crítica sobre a semiformação. Para tanto, é importante auxiliar o futuro professor no período de sua formação, para que ele desenvolva uma postura autônoma, livre e resistente à conformação, que seja capaz de iniciar algo novo por si mesmo, que tenha consciência de sua individualidade e ao mesmo tempo da pluralidade que o cerca, que

seja apto a compreender criticamente e aprofundadamente a sociedade na qual está inserido e que irá atuar, já que em grande medida, o futuro de novas gerações dependerá desses futuros professores.

### **Referências bibliográficas**

ADORNO, Theodor. W. A filosofia e os professores. In: *Educação e emancipação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

CENCI, Angelo Vitório; DALBOSCO, Cláudio Almir; FÁVERO, Altair Alberto. A formação cultural como exigência para a formação docente: aproximações a partir das concepções filosófico-educativas de Adorno. In: KUIAVA, E.A.; SANGALLI, I. J.; CARBONARA, V. (orgs.). *Filosofia, formação docente e cidadania*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008, p. 107-125 (Coleção Filosofia e Ensino, 12).

GALLO, Silvio e outros (orgs.). Ensino de filosofia: teoria e prática. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

ROCHA, Ronai Pires da. O espaço da filosofia no currículo escolar. In: CANDIDO, Celso e CARBONARA, Vitor (orgs.). *Filosofia e Ensino: um diálogo interdisciplinar*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

### **Fonte de financiamento**

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior / Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID